



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DOCENTE – PARFOR  
FACULDADE DE PEDAGOGIA  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**CLEIDE PANTOJA TAVARES**

**MEMORIAS DAS VIVENCIAS PROFISSIONAIS DE DOCENTES**

**Uma narrativa memorável sobre a escola e a educação do passado na  
comunidade Guajarense/Município de Curralinho**

Curralinho-PA  
2018

**CLEIDE PANTOJA TAVARES**

**MEMORIAS DAS VIVENCIAS PROFISSIONAIS DE DOCENTES**

**Uma narrativa memorável sobre a escola e a educação do passado na  
comunidade Guajareense/Município de Curralinho**

Trabalho Acadêmico de Conclusão apresentado ao  
Curso de Licenciatura Plena Pedagogia, como  
requisito para obtenção do título em licenciatura na  
área de Pedagogia.

Orientador: Prof. Esp. Raimundo Renato Balieiro  
Ferreira.

Curralinho-PA  
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)

---

T231m TAVARES, CLEIDE PANTOJA  
MEMÓRIAS DAS VIVÊNCIAS PROFISSIONAIS DE  
DOCENTES : Uma narrativa memorável sobre a escola e a  
educação do passado na comunidade Guajarense/Município  
de Curralinho / CLEIDE PANTOJA TAVARES. — 2018.  
51 f. : il.

Orientador(a): Prof. Esp. Raimundo Renato Balieiro  
Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Faculdade de Educação, Campus Universitário de Breves,  
Universidade Federal do Pará, Breves, 2018.

1. Educação. 2. Docência. 3. Dedicção. 4. Ensino. I.  
Título.

CDD 370

---

**CLEIDE PANTOJA TAVARES**

**MEMORIAS DAS VIVENCIAS PROFISSIONAIS DE DOCENTES**

**Uma narrativa memorável sobre a escola e a educação do passado na  
comunidade Guajarense/Município de Curralinho**

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

(orientador)

Titulação-Instituição

---

Nome Completo

Titulação-Instituição

---

Nome Completo

Titulação-Instituição

CONCEITO FINAL: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho a história de lutas dos professores do Município de Curralinho, que com muita garra realizam suas funções desde tempos históricos.

**Cleide Tavares**

Agradeço primeiramente a Deus pela formação e realização desse trabalho, que me trouxe muito conhecimento. Também agradeço a minha família, meu esposo e amigos que indiretamente ou diretamente contribuíram para esta conclusão.

Agradeço em especial aos professores que passaram pela turma durante o curso e principalmente meu orientador que muito contribuiu para esta produção.

**Cleide Tavares**

Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

**Paulo Freire**

## RESUMO

Este trabalho parte do princípio em analisar a docência em um contexto histórico, da comunidade Guajarense no Município de Curralinho, no Estado do Pará. Onde a função de educador remota ao tempo da ditadura, com educadores desenvolvendo seus trabalhos com mais amor, do que apoio financeiro. Neste contexto esta pesquisa foi direcionada com o objetivo de contextualizar a vida docente desde o período da ditadura, com as inferências que tal política influenciava, bem como a visão pessoa de docentes já aposentados, que exerceram a função, quando ainda eram jovens. Para isso, foi elaborada a metodologia de entrevista, com questionários, fotografias, conversas e observações dos locais na atualidade. Como base teórica nos posicionamos junto as reflexões sobre a formação docente no Brasil e sua desvalorização. E tem como base teórica o autor Saviani (1987), que mostra uma educação desde a idade média, onde o centro do saber era o próprio homem. Também em Cury (1978), que mostra o quanto se pode usar o velho para construir o novo conhecimento. Outros autores usados são Gatti e Barreto (2009), que mostra o quanto a sociedade não valoriza o educador de acordo como eles merecem, pela responsabilidade que exercem. Entre outros autores importantes a essa produção.

**Palavras – chave:** Educação. Docência. Dedicção. Ensino.

## **ABSTRACT**

This work is based on the analysis of teaching in a historical context, from the Guajarenses community in the municipality of Curralinho, in the State of Pará. Where the role of remote educator at the time of the dictatorship, with educators developing their works with more love, than support financial. In this context, this research was aimed at contextualizing the teaching life from the dictatorship period, with the inferences that such a policy influenced, as well as the person's view of retired teachers who exercised their function while they were still young. For that, the methodology of interview was elaborated, with questionnaires, photographs, conversations and observations of the places in the actuality. As a theoretical basis, we place the reflections on teacher education in Brazil and its devaluation. And it has as its theoretical basis the author Saviani (1987), which shows an education since the middle ages, where the center of knowledge was man himself. Also in Cury (1978), which shows how much one can use the old to build new knowledge. Other authors used are Gatti and Barreto (2009), which shows how much society does not value the educator according as they deserve, for the responsibility they carry. Among other important authors to this production.

**Words Key:** Education. Teaching. Dedication. Teaching.

## LISTA DE IMAGENS

FIGURA 01 – Município de Curralinho.....	30
FIGURA 02 – Escola Guajarense.....	34

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 - CONCEPÇÕES SOBRE O SISTEMA DE ENSINO BRASILEIRO.....	13
1.1 – A formação docente no Brasil.....	17
1.2 – Síntese da Educação e do cotidiano do docente no meio rural.....	21
2 – CONCEITUANDO HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS.....	25
2.2 Síntese da história Oral como documento.....	27
3 - MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS EDUCADORES DA COMUNIDADE GUAJARENSE.....	30
3.1 Município de Curralinho e Comunidade Guajarense.....	30
3.2 Vozes dos professores do passado em uma abordagem de memórias sobre a trajetória docente.....	37
3.3 Atuação dos professores na Ditadura Militar.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49
ANEXOS.....	51

## INTRODUÇÃO

A docência no Brasil, desde o tempo colonial é retratada com descaso, seja por ser desvalorizada, ou por contratação de pessoas não capacitadas, por formação excludente. E apesar de haver intenções em organizar esse sistema educacional pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação de nº 9.394/96, ainda há muitas características do passado nessa profissão que tanta forma, mas que não recebe a atenção que deveria, pela responsabilidade social que possui.

Nesse contexto, este trabalho buscou apresentar visões docentes com base em relatos narrados por professores da comunidade ribeirinha, no Município de Curalinho, onde em uma localidade conhecida como Portugal, a escola Guajareense traz em seu arcabouço, memórias e relatos de uma educação pautada em características da ditadura, onde os professores eram selecionados apenas tendo a leitura, com baixos salários que ainda atrasavam por meses.

Assim este estudo apresenta reflexões sobre a formação docente no Brasil e sua desvalorização. E tem como base teórica o autor Saviani (1987), que mostra uma educação desde a idade média, onde o centro do saber era o próprio homem. Também em Cury (1978), que mostra o quanto se pode usar o velho para construir o novo conhecimento. Outros autores usados são Gatti e Barreto (2009), que mostra o quanto a sociedade não valoriza o educador de acordo como eles merecem, pela responsabilidade que exercem. Entre outros autores importantes a essa produção.

O objetivo desse trabalho foi analisar e comparar a profissão de docente no Brasil, com as comunidades ribeirinhas do passado aos dias atuais. Analisar a trajetória dos docentes de sala de aula na ditadura, com base em versões docentes que atuaram na época, na localidade da pesquisa. Para tal, utilizamos o método da entrevista a dois professores da comunidade, bem como informações dadas por alguns moradores da comunidade Portugal. Moradores estes que vivem na localidade desde que nasceram e conhecem bem a realidade de vivências e da educação do local.

Esse tema foi escolhido, pelo interesse pessoal em conhecer a história docente da localidade, bem como registrar fatos que a maioria da população desconhece e assim valorizar os docentes que atuam na localidade.

Dessa forma este trabalho vem dividido em três partes, sendo a primeira voltada para a base teórica que trata da história da educação e da docência no Brasil desde o período colonial e no meio rural. A segunda parte se remete a conceituar

histórias de vidas e memórias como documentação social para estudo científico. E a terceira parte evidencia a pesquisa de campo, com a história da comunidade, e relatos dos docentes e moradores da escola que está no Município de Curralinho, no Pará.

## 1 - CONCEPÇÕES SOBRE O SISTEMA DE ENSINO BRASILEIRO

O que temos nos dias atuais, no que se refere a estrutura do Sistema de Educação Brasileiro, resulta de muitas reformas que ocorreram ao longo da história.

Os sistemas iniciais, ou seja, aqueles que vigoraram inicialmente no Brasil, era composto por características excludentes, o que não favorecia todos de uma mesma maneira. Já que a grande massa de população não tinha os mesmos direitos que a elite da sociedade. A este respeito, Ribeiro (1989), ao realizar um estudo minucioso sobre os tempos passados da educação, relata que o Brasil era um lugar de doutores analfabetos, pois os cursos superiores eram restritos a poucas pessoas. De modo que o ensino público era totalmente desvalorizado e quase sem nenhum recurso direcionado a ele.

Foi com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de nº 9.394/96, que se buscou organizar e considerar uma normatização do sistema, garantindo acesso para todos, de modo que tivessem os mesmos direitos.

O autor Saviani (1987) faz alusão a quatro concepções a respeito do sistema de ensino. Se trata da humanista, moderna, analítica e dialética. A primeira, apontada pelo autor, com uma visão totalmente tradicional, é a humanista, que de acordo com o autor tem uma visão, onde cada ser humano é imutável, isto é, que a educação deve seguir um padrão de humanidade, onde as mudanças só ocorrem acidentalmente, pois nessa visão o homem adulto é completo e a criança não, pois ainda precisa de complementos para chegar a sua completude.

Dentro desse conceito tradicional há duas vertentes, o religioso que de acordo com Saviani (1987), é natural da idade média e a leiga, que surge a partir de pensadores que segundo o autor são a “expressão da ascensão da burguesia e instrumento de consolidação da sua hegemonia”) (Saviani, 1987). No entanto, sendo leigos ou não, ainda sim, defendem a concepção de uma educação pública, onde o centro do saber é o próprio homem, que é mostrado como um modelo a ser seguido.

A segunda concepção apresentada pelo autor, é da humanista moderna, que difere pouca coisa da tradicional, mas ainda assim, vai dizer que a existência do homem precede a sua essência, ou seja, afirma que o ser humano é “um ser completo desde o nascimento e inacabado até a morte”. Saviani (1987).

Nessa concepção, há a predominância do psicológico, onde existe um redirecionamento educativo, indo do homem (em vez de para a criança), segue em

direção a algo mais amplo, para a vida ou atividades da existência. Nesse contexto acontece uma educação em dois sentidos. O primeiro acontece de acordo com as diferenças que existem entre os indivíduos, descartando as predefinições ou lógicas. O segundo sentido afirma que a educação de fato se dá de maneira transitória, isto é, de acordo com a predisposição e possibilidades de cada um, sua educação acontecerá.

Na concepção Analítica, Saviani (1987), a apresenta como diferenciada em relação as duas anteriores, pois esta não formula um conceito embasado no homem. Nesta a visão a priori é na tarefa da educação, ou seja, aquela que já define uma significação lógica para a linguagem de acordo com o contexto. Isto quer dizer que se apresenta a contextualidade como o tempo, lugar, situação, identidade e o que interessar ao educador, seja histórias ou outros interesses pessoais para si e para aqueles que se direciona. (SAVIANI,1987). Contudo nessa visão há a exclusão do processo educativo, tanto como a contextualização da história, de modo a manter apenas o caráter utilitário da educação e o conhecimento neutro. Ocorreu sendo destacada no Brasil após o período de 1960, com a crise humanística.

A última concepção que o autor apresenta é a dialética, que tem por ideal a não aceitação de uma educação a partir de uma predefinição de homem, isto é, vem defender a visão de que a educação coloca em clareza os problemas educacionais no contexto histórico. É uma concepção baseada na realidade, mas difere da mesma quando a explica em um processo dinâmico, em uma interação de reciprocidade do todo. Ela tem sua formação na pressuposição de que uma nova formação social.

Por tanto, nessa concepção, a educação tem como tarefa está à disposição do “novo”, que será construído a partir do anterior, ou do que existia antes. (CURY, 1978).

Dessa forma, sendo integrada com apenas dois estereótipos, sendo a educação e sociedade, a organização tal qual conhecemos nos dias atuais, são resultados de uma consolidação do poder da burguesia e formulação de mundo de acordo com o Liberalismo. (SAVIANI, 1987).

Assim, observando esse desenlace histórico, nessa assertiva, percebemos a escola tendo surgido no Brasil, como uma ferramenta de idealização liberal, sendo organizada como um sistema a partir do século XIX, mas já existindo desde o período colonial. Sua concepção era voltada para que o homem fosse redimido de seus

pecados históricos, como a ignorância (miséria moral) e a opressão (miséria política) (ZANOTTI, 1972).

De acordo com Cunha (1975), essa visão de educação no liberalismo, tinha apenas a intenção de reclassificar legitimamente e de modo legal as pessoas dentro das classes sociais.

No que diz respeito ao modelo educacional no Brasil Colonial que vai de 1500 a 1930, a economia se baseava em agro exportador, era o Império e Primeira República, onde a economia dirigia a educação, ou seja, não havia padrão para a educação, mas esta acontecia de acordo com o período, onde era voltada para a conversão dos Índios que insistiam em se rebelar contra os Portugueses que vieram dominar o Brasil.

Assim as instruções de acordo com Saviani (1987), a educação era regida pela igreja, precisamente pelos Jesuítas, onde a intenção era converter os índios a fé católica. Os Jesuítas, mesmo tendo sido expulsos do Brasil em 1759, implantaram seu modelo de educação, que foi estendido a população além dos índios, contudo é importante ressaltar, que tudo girava em todo da agro exportação. Assim existia dois modelos educacionais, a catequese e os internatos, que eram voltados para receber órfãos e filhos dos Caciques mais importantes.

Nos últimos séculos desse período citado acima, a escola tem uma transformação, deixando de seguir o modelo colonial e passando a ter regulamentação e organização nacional. O que apresenta um novo modelo e considerável número de criação de escolas voltadas para formar profissionalmente as pessoas. Foi na época que surgiram os cursos de medicina e direito, também os cursos de arte e ofícios, bem como os colégios militares.

De acordo com Teixeira (1989), sendo o sistema educacional voltado para formação do clero, canonista ou legista concebia apenas o *Tattio Studiorum*, onde os Jesuítas dominavam as organizações, de modo que este modelo foi mantido até meados do século XVIII, quando as primeiras críticas significativas aparecem em relação a educação, apresentando opiniões contrárias ao modelo pedagógico desse período.

É no final do Império e início da República que o sistema educacional começa a ganhar status de políticas educacionais, onde começam a se fortalecer ideais de um sistema integrado e voltado para a sociedade em geral.

Em 1824, ao ser promulgada a primeira Constituição, acontece também a substituição da política nacional de ensino para a agora regulamentada instrução primária gratuita, onde todo cidadão pode ter acesso a escola e conseqüentemente a educação, é o momento histórico onde surgem mais colégios e universidades, que ensinam sobre a ciência e belas artes. Tudo regido pela Lei de 15 de outubro de 1827, onde o Decreto nº 7.147/1879, dispõe sobre a gratuidade do sistema educacional em todos os municípios da corte. Também formula a obrigatoriedade da permanência na escola até concluir todas as disciplinas e programas da escola primária do 1º grau. Mas a obrigatoriedade não contemplava as famílias que garantiam escolas particulares ou ensinios em seus próprios lares aos seus filhos.

Contudo as escolas primárias eram elitistas, onde os filhos de ricos eram os bons alunos e dos pobres eram maus, sendo taxados assim, a maioria eram pobres, o que colocava em questão nessa visão, como muitos alunos maus.

Esse preconceito ao pobre segue ao ensino secundário, que é negado ao pobre, isto é, ele não pode frequentar, apenas os ricos tinham acesso. Pois sendo caros somente os ricos poderiam pagar, o que direcionava os pobres para trabalhar em fábricas e lavouras e tendo formação acadêmica apenas para poucos filhos de ricos.

Após a proclamação da República, as mudanças também refletiram na educação, pois com a Constituição de 1891, a escola agora seria dividida, com o 1º grau para crianças de 7 aos 13 anos e o 2º grau para crianças a partir dos 13 anos. Assim a formação tinha preparação profissional em vários níveis educacionais, onde eram medidos os conhecimentos por exames nos finais de cada curso.

O segundo período da história educacional, que compreende de 1930 a 1960, foi marcado por intensas revoluções advindas de movimentos importantes, com o fortalecimento nacional, advindo dos confrontos com o Governo traz modificações também na educação.

Após a segunda guerra mundial, o Brasil se associa ao único país capitalista que restou com forças que é os Estados Unidos, é onde a educação passa a se basear na concepção humanista, mas nos bastidores já existem dilemas voltados para o dilema da “escola literária” X o “aprender útil”, o que era exigido por quem a defendia, que acontecesse logo, mas os opositores defendiam a ideia de se criar um sistema educacional, onde de acordo com Miranda, (1966), deveria haver um programa educacional amplo, com unidade de propósitos e sequência determinada.

Surgiram então nesse período as primeiras universidades no Rio de Janeiro em 1920, assim como posteriormente em outros Estados brasileiros. E após a revolução de 1934, houve avanços significativos no sistema educacional, de modo que em 1937 foi instaurado o Estado Novo, onde agora dava ao País uma constituição nova e autoritária, porém em 1945 após sua queda muitos ideais foram retomados de onde após ser enviado ao Congresso finalmente foi aprovado o projeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1961, sob a Lei de nº 4.024. Nessa fase de aprovação da LDB/61, aconteceu um grande movimento em defesa de um modelo educacional público e gratuito a todos. Mas com movimentos contrários foi atrasado esse intento, sendo redemocratizado somente em 1988, com a promulgação da Constituição, onde foram introduzidas inovações e compromissos que universalizaram o ensino.

O que se vê nessa história da educação, são grandes lutas por mudanças que acontecem lentamente na história, mas enquanto por um lado o sistema de educação acontece com histórica exclusão da massa, os docentes que delas dependem, também tem sua história de lutas por uma formação de qualidade. O que se vê no próximo tópico.

### **1.1 A formação docente no Brasil**

Os debates são muitos em relação a formação docente no Brasil e no mundo e de acordo com Gatti e Barreto (2009), “o fato é que a grande maioria dos países ainda não logrou atingir os padrões mínimos necessários para colocar a profissão docente à altura de sua responsabilidade pública para com os milhões de estudantes” (p. 8).

Nesta visão seria preciso tratar a formação de professores em um desenlace histórico, para se tirar conclusões a respeito de sua plenitude social, assim iniciamos este tópico associando a formação docente com a educação brasileira em geral.

No século XIX, quando foi criada a escola normal, surgiram as primeiras iniciativas para formação de professores, tendo como instituição pioneira em instruir docentes, uma escola normal no Rio de Janeiro, sob a Lei nº 10, de 1835. Contudo, não houve resultados positivos, o que não se sabe se pelo fato da população ser em sua maioria agrária e com marcas fortes de escravidão. O certo é, que não se teve o esperado em relação a formação de docentes. E de acordo com Tanuri (1979):

Pode-se, pois, dizer que nos primeiros 50 anos do Império, as poucas escolas normais do Brasil, pautadas nos moldes de mediócras escolas primárias, não foram além de ensaios rudimentares e malsucedidos. Em 1867, Liberato Barroso, registrando a existência de apenas quatro instituições desse gênero no país – no Piauí, em Pernambuco, na Bahia e no Rio –, lamentava o fato de que, em virtude de suas deficiências, “nenhum aproveitamento notável tinham elas produzido até então”, de forma que a escola normal era ainda uma instituição “quase completamente desconhecida” (TANURI, 1979, p. 22).

Logo, entende-se que a formação docente, tem sua raiz de nascimento catastrófica e desvalorizada desde o nascimento. No entanto, sendo influenciada pelas ideias iluministas a educação no Brasil, assumiu significativo papel nos anos posteriores a este nascimento. É possível que esse fato ocorreu devido ao crescimento da classe burguesa, que ansiava por melhorias no ensino da classe trabalhadora. (GADOTTI, 2004), outra sugestão é que se valorizou pelo fato de muitos quererem o crescimento do País que se desenvolvia a passos lentos, pois como pontua Barros (1959):

A crença de que um país é o que a sua educação o faz ser” generalizava-se entre os homens de diferentes partidos e posições ideológicas e a difusão do ensino ou das luzes, como se dizia frequentemente nesse período, era encarada como indispensável ao desenvolvimento social e econômico da nação (BARROS, 1959, p. 23).

Assim, percebe-se, que a formação docente neste decorrer histórico, sofre influência tanto do iluminismo, quanto do positivismo, que começava a acreditar na importância da educação para o país. E foi a visão positivista que acreditava em uma realidade científica, que no final do século XIX e início do século XX, vai ter fortes influências na formação de professores, como mostra Gadotti (2004):

No Brasil, o positivismo influenciou o primeiro projeto de formação do educador, no final do século passado. O valor dado à ciência no processo pedagógico justificaria maior atenção ao pensamento positivista. É inegável sua contribuição ao estudo científico da educação (GADOTTI, 2004, p. 111).

Mas apesar da educação e conseqüentemente a formação de professores começarem a ter a influência para melhoria, no período que foi desde o império, até a República brasileira, o ensino era de responsabilidade das províncias e apenas o ensino secundário e superior, eram supridos pelo Governo, que só administrava o

setor educacional primário no Distrito Federal. E sem o apoio do Governo Central, os Estados tinham que arcar com a educação que estavam sob suas jurisdições.

Foi no Estado de São Paulo, que em 1890, ocorreu uma grande reforma na educação, onde de acordo com Tanuri (2000, p. 18) houve, "avanços no que diz respeito ao desenvolvimento qualitativo e quantitativo das escolas de formação de professores". Assim a preocupação era de que houvesse a implantação do ensino graduado de professores na escola normal, pois como coloca Saviani (2011, p. 15), "a condição prévia para a eficácia da escola primária é a adequada formação de seus professores".

Ainda em consideração aos estudos de Saviani (2011), Levando em conta o fato de que o modelo paulista, concretizado em 1890, estabelecia a instrução primária, a criação dos grupos escolares nas escolas normais, tal ideia foi sendo disseminada gradativamente nos demais estados do País, além de outras transformações como as divisões no ensino primário, que passava a ter duas partes, a elementar e complementar, que duraria oito anos, onde o último prepararia o sujeito para ingressar na escola normal.

Assim esse novo modelo escolar se espalhou por todos os estados brasileiro, onde em 1923, no Estado do Paraná o professor Lysimaco Ferreira da Costa, separou a escola normal, até então seguindo o modelo geral, passando para dois cursos, o do ensino fundamental tinha duração de três anos e o voltado para profissional, durava apenas três semestres. (TANURI, 2000, p. 21).

No Brasil a partir de então, as escolas normais tinham cursos com duração de cinco anos, de modo que eram fortemente influenciadas pela visão escolanovistas. Que tinha por tendência o enraizamento na educação do país e dando um novo rumo ao modelo de formação de professores.

Contudo, com a revolução de 1930 houve nova alteração na educação brasileira, pelo fato de haver uma nova ordem política e social. É onde a formação docente deixa de acontecer nas escolas normais e passa a ser obrigatoriamente das instituições de nível superior. No entanto é importante lembrar que tais transformações que ocorrem a partir da década de 30, já vinham sendo desenvolvidas desde o surgimento da Associação Brasileira de Educação em 1924 que contribuiu na disseminação das ideias da escola nova.

No entanto outros movimentos contribuíram para as renovações na formação de professores no Brasil, como por exemplo o decreto que deu origem ao Estatuto

das Universidades Brasileiras em 1931, onde se estabelecia os padrões que organizavam como devia acontecer a formação no ensino superior, bem como aconteciam as escolas de docentes tanto em São Paulo, quanto no Distrito Federal.

Em 1939, havendo a preocupação com a formação de professores, usou-se como modelo para a instrução destes, a Faculdade Nacional de Filosofia, tendo tal formação dividida em: Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia. Contudo o curso de pedagogia era apenas um bacharelado, com uma especialidade em didática, que licenciava os formandos para atuarem como professores no ensino secundário. Mas estes cursos não tiveram muito sucesso, não se sabendo ao certo se pelo fato de expandirem desordenadamente as universidades, ou por se querer manter a tradição das escolas profissionalizantes da época.

Nesse contexto histórico da formação docente, mesmo que em 1964, já houvesse uma expansão de alunos em formação, como aponta Romanelli (1984), somando 32.396 no total, ainda sim, em meados ainda dessa década de 60 os educadores formados vinham de escolas normais ou de outras formações de nível superior, que em sua maioria, eram disponibilizadas por faculdades isoladas. A este respeito Candau (1987, p. 16), afirma: “[...] dados referentes a 1960, nos mostram que menos de 20% dos professores secundários são diplomados por faculdades de filosofia”.

Nesse contexto, se faz necessário compreender que se a maioria dos educadores vinham de formação em escolas normais, destaca-se alterações que foram feitas nestes cursos. Trata-se das Leis orgânicas, ou como eram chamadas, Reformas Capanema, promulgadas a partir de 1942. E no que diz respeito ao ensino normal, Ribeiro (1977) diz o seguinte:

O ensino que era de 5 e de 2 anos passou a ser de 4 e 3 anos. Ao primeiro corresponde o chamado curso ginasial e, ao segundo, o curso colegial. Este com duas modalidades: o curso clássico e o curso científico. [...] o curso de mestría, de 2 anos, e estágio correspondente aos cursos industriais básicos e cursos pedagógicos na indústria, de 1 ano para preparo dos professores e administradores [...]. (RIBEIRO 1977, p. 137).

Dessa forma, o período que corresponde a segunda república dos anos entre 1946 e 1964, é apresentado na história, como um tempo de muitos debates sobre a educação, onde houve uma espécie de acontecer as diretrizes que se baseava a educação, mas de fato, a Lei que promulgaria este setor educacional, so seria

promulgada em 1961, o que de acordo com Saviani (2011), manteve sua estrutura de organização, com apenas poucas alterações.

O percurso histórico sobre a formação docente neste trabalho, nos permite conceber que as lutas por melhorias na educação vêm de longos anos e de movimentos direcionados a capacitar mais profissionais como professores. Nessa percepção percebe-se o papel importante do docente ao ter uma formação de qualidade, onde se torna fundamental para a qualidade da educação. E ao perceber tais lutas na história nos fazem justificar que “para enxergar a direção à frente, temos que reconhecer como chegamos, onde chegamos e por que nos constituímos dessa maneira” (SILVA, 2001, p.329).

Contudo, as formas que se encaminharam a formação docente, mostra claramente o motivo pelo qual esta profissão é desvalorizada nos dias atuais, mantendo este status que pela história, se manteve devido os padrões socioeconômicos que foram estabelecidos desde o período colonial, causando um desprestígio a categoria de professores nos dias de hoje.

Para que essa visão possa ser transformada, com mudanças significativas será que preciso mais aproximação e envolvimento dos professores para formular políticas que façam os governantes refletir sobre a importância dessa categoria para aspectos que envolvem a humanidade, mas só acontecerá com estimulação a qualificação profissional aperfeiçoada pois o “[...] entendimento de que a condição prévia para a eficácia da escola primária é a formação adequada de seus professores” (SAVIANI, 2011).

## **1.2 Síntese da educação e do cotidiano docente no meio rural**

Antes de iniciar uma abordagem sobre a educação no campo e do cotidiano dos educadores que são direcionados para o meio rural, é importante entender em fatores históricos, o porquê de existir uma educação excludente nessas localidades. Pois não são recentes, mas de acordo com Hoeller (2013), fatos dentro da história brasileira contribuíram para a atual educação de campo.

O autor aponta para a consolidação da primeira Leis de terras feita por D. Pedro II, onde para ter posse das terras os interessados deveriam pagar uma quantia a coroa, de modo que os pobres não tendo recursos não podiam legalizar os locais onde moravam, tão pouco os escravos tinham como pagar.

Assim, a ocupação nos espaços rurais até os dias de hoje são reflexo dessa exclusão social, onde os pobres não recebem educação de qualidade. Pois o latifúndio concentrado nas mãos de poucos, contribui para a luta de camponeses, mas o modelo de desenvolvimento no campo, com características de exclusão aparece até os dias de hoje na educação do Brasil. E segundo Silva (2010),

A escola brasileira, de 1500 até o início do século XX, serviu e serve para atender as elites, sendo inacessível para grande parte da população rural. Para as elites do Brasil agrário, mulheres, indígenas, negros e trabalhadores rurais não precisavam aprender a ler e escrever, visto que, nessa concepção, para desenvolver o trabalho agrícola, não era necessário o letramento (SILVA, 2010, p. 31).

Dessa forma é clara a situação educacional de pessoas pobres, por se pensar que ao trabalharem em condições que não exigiam estudos, era a justificativa para que não as tivessem. Ou seja, o fato de trabalharem no campo, também não lhes davam possibilidades para que saíssem dali e tivessem outras oportunidades.

A história brasileira aponta para os quatro séculos após a chegada dos portugueses, com brasileiros sendo dominados por uma elite dominante que os tratam como escravos. Um período que se estende até para a área educacional e social, de modo que a aristocracia desprezava o ingresso de pessoas pobres nas escolas. (ROMANELLI *apud* SILVA, 2010, p.31). Nesse contexto, Silva (2010) aponta para a percepção da educação rural está vinculada a cultura de vida escrava, onde o poder era controlado pelas elites no período.

Mesmo com esse panorama educacional, ainda no século XIX, aconteceu singulares iniciativas para a educação rural, mas foi só a partir da década de 30, já no século XX, que foi apresentado um modelo de educação para o meio rural, através de projetos que modernizam o campo, devido à grande migração do povo ruralista para o meio urbano, o que gerou aumento no índice de miséria na sociedade. (SILVA, 2010). Assim, entende-se a educação no meio rural, como uma forma de manter as pessoas ali, para que não viessem para o meio urbano, a fim de dificultar mais a vida dos que já vivem nas cidades.

Foi importante fazer essa pequena abordagem de educação no campo em uma maneira geral, para agora encaminharmos para a realidade ribeirinha que no modelo educacional não difere da ruralidade. O que depois dessa sintetização é

possível compreender o modelo educacional existente nas localidades rurais e poucas mudanças no decorrer da história.

Assim entendemos que o olhar para a educação rural, só foi intensificada porque população até então vivendo em miséria, começou migrar para onde se encontra as elites, isto é, trouxeram a miséria em que vivem para dividir o espaço, que vem algum avanço. O que infelizmente está enraizado na história, pois os governantes só fazem algo para melhorar a vida da população em massa, se começar a incomodar seus espaços de glória.

No entanto, os investimentos em melhorias no meio rural não são suficientes, pois a vivência dos educadores que precisam se locomover para esses lugares, sejam no campo ou nos rios, não oferecem estabilidades a estes profissionais.

A população no contexto ribeirinho, tem pouquíssimo conhecimento sobre a literatura, como aponta Mota Neto (2010), é um universo, onde a diversidade de peculiaridades é muito grande, que se enquadra a vivência extrativista, com acesso limitado a energia elétrica, nenhum saneamento básico e quase nenhum contato com políticas públicas, na área educacional e de saúde. Isso fazem com que as dificuldades na vida profissional dos educadores que são encaminhados para estas regiões sejam bem maior.

De acordo com Mota Neto (2010), muitas das escolas destas localidades ribeirinhas são precárias, seja em suas estruturas, pelo pouco espaço para desenvolver as atividades, pelo fato de o professor ter que residir na própria escola ou por falta de materiais didáticos ou interesse dos alunos em aprender. Uma outra questão que dificulta a aprendizagem nas comunidades ribeirinhas, são situações que impedem a continuidade dos estudos de alunos matriculados nessas instituições, que ocorre principalmente pela distancia e deslocamento aos lugares onde estão situadas as escolas.

Ainda dentro dos fatores de dificuldades, há também a falta de professores do fundamental avançado, onde dos poucos que são encaminhados, não se adaptam e saem das escolas, causando uma rotatividade constante de profissionais, o que afeta diretamente a autoestima dos alunos.

Um outro fator não menos importante que o autor apresenta é a organização dos alunos em classes mult. Um modelo que ainda predomina no meio rural (antes multisseriado, agora multiano, mas com as mesmas características), onde em apenas uma turma, com um único professor, estude alunos de várias idades. (CATANI apud

BARROS, 2004). E que vai da educação infantil ao quinto ano, no caso das séries iniciais, ou do sexto ao nono ano, no caso do fundamental maior, o que promove o convívio de alunos com níveis de aprendizagens diferentes em uma mesma turma. (MOTA NETO 2004).

Nesse contexto, a prática educativa desenvolvida nas escolas de ensino múltiplo não permitem ao educador refletir sobre suas ações, já que o mesmo fica pautado em apenas respostas, já que está inserido neste modelo educacional, que por vias de entendimento é excludente. Além do mais, esse modelo educacional deixa de levar em conta as peculiaridades locais como as vivências do povo ribeirinho, tendo uma avaliação apenas quantitativa, que devem ser seguidas de um padrão já formado, antes dos professores ingressarem nas comunidades, causando assim, uma educação fragmentada e sem muita significação para os alunos ribeirinhos.

Por outro lado, o educador, segundo Silva (2001), deve ser responsabilizado em mediar a elaboração e desenvolvimento do currículo escolar, que esteja dentro do contexto ao qual exerce sua função, buscando caracterizar o ensino de acordo com a vivência dos alunos e da localidade. O que se percebe uma grande responsabilidade ao professor, sem nenhum apoio dos setores que o encaminham para as escolas ribeirinhas.

Assim, entende-se que atuar como docente no meio rural, e neste caso, nas comunidades ribeirinhas, não se torna fácil, visto que durante sua formação, ele não é preparado para enfrentar tais situações, um exemplo é o estágio de preparação que não exemplifica essa parte da educação. Tão pouco, recebe apoio das secretarias, tendo que aprender a sobreviver nas localidades e construir seus próprios materiais, caso queira organizar um currículo com as características locais, já que o material que recebe para sua atuação, é no modelo urbano.

## 2 - CONCEITUANDO HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS

Por se tratar de um trabalho de pesquisa, com base em memórias de professores da comunidade Guajareense, este trabalho tem um contexto de narrativas como objeto de investigação, de forma a considerar as vivências educadores e suas atividades educacionais na história da localidade. Nesse sentido Souza (2006), aponta:

A crescente utilização da pesquisa narrativa em educação busca evidenciar e aprofundar representações sobre as experiências educativas e educacionais dos sujeitos, bem como potencializa entender diferentes mecanismos e processos históricos relativos à educação em diferentes tempos [...] permitem adentrar num campo subjetivo e concreto, através do texto narrativo, das representações de professores sobre a identidade profissional, os ciclos de vida e, por fim busca entender os sujeitos, os sentidos e as situações do contexto escolar. (SOUZA 2006, p.136).

Por tanto, não se trata de um trabalho primário, mas que deriva de muitas outras produções e neste caso, ele traz as experiências docentes vividos no período da ditadura na comunidade que pertence ao Município de Curralinho, intensificando sentimentos adversos a respeito da vida docente diante do campo de ensino no contexto rural.

Contextualizando o campo dos relatos memoriais, além das bases teóricas, se usa trabalhos relacionados com o tema, a partir de dilemas e questionamentos que contribuíram para a formação da história educacional existentes nos dias atuais.

Trabalhar com Narrações de vida é valorizar a oralidade como uma forma de comunicação e linguagem, pois através deste método é possível registrar e valorizar histórias ocultas da História geral do Brasil que conhecemos. Na literatura antiga percebemos com Aristóteles, que a oralidade já era considerada em sua época, uma dentre as formas de linguagem. Já que não se tinha o hábito de escrever. Tratando as narrativas como produto histórico da cultura da humanidade, elas servem, dentre várias funções, para buscar, armazenar e transmitir conhecimentos.

Segundo o psicólogo Jerome Bruner (1991), as narrativas servem como meio de percepção e a nossa realidade é resultado de uma construção narrativa. Narrar contribui para má formação de experiências, pois organizamos nossas aprendizagens e memória principalmente através da narrativa (Bruner 1991, 14, 21).

A partir das narrativas são construídas teorias sobre a realidade (Ochs et al. 1992), e, sendo assim, elas servem como uma ponte onde se pode explicar nosso

cotidiano. Elas são meios de sociabilidade, pois através delas as experiências individuais são comunicadas e tornadas públicas ou socialmente conhecidas. Uma vez que uma narrativa é sempre proferida e fabricada por alguém, assistida por alguém de fora as atividades com narrativas podem ser percebidas como monológicas. Mas nesse trabalho linguístico estão sempre os ouvintes e a elaboração de uma narrativa precisa da participação destes. Daí se percebe que não há narração sem ouvinte (Barthes 1988, 125), a narrativa oral é construída através de diálogos em um discurso.

No papel de ouvinte/pesquisador, como foi o caso dessa pesquisadora, para se ter sucesso no campo de pesquisa é necessário que se tire a armadura de acadêmico. Não se pode chegar a um campo de pesquisa com terno e gravata. Principalmente em se tratando de narrativas orais. Para B. Meihy:

Deve ficar claro que quando se vale de entrevista para obter informação objetiva ou dados exatos não se pratica história oral e sim se faz uso convencional de entrevistas. É equivoco supor que o mero ato de entrevistar equivale a fazer história oral (B. MEIHY 2011, 06).

Por tanto, obter conhecimento de como coletar as narrativas foi necessário primeiro buscar conhecimento teórico e refazer ideias. E principalmente, compreender como se dá a coleta de dados vindo da memória de pessoas que doravante exerceram a profissão de professores.

Nóvoa (1992), faz uma abordagem interessante sobre a história de vida docente. Ele diz que durante muito tempo temas que envolvem vivências de professores se constitui no que o autor chama de “paradigma perdido”, dentro do campo de investigação sobre a educação. Ele completa seu pensamento, afirmando que no que se refere a histórias de vida, dentro de campo de pesquisas científicas, são constantemente objeto de críticas advindo de setores diversos, como se fossem frágeis e não tivessem validade científica, entre outras questões contrárias.

Contudo, mesmo com tantas divergências a respeito dessa questão, não se pode negar que, ao fazer alusão a vivência do professor, é possível refletir de modo positivo, sobre as práticas, o que leva a uma tomada de atitude que ajuste certas condutas e metodologias no meio docente. A este respeito Pineau apud Nóvoa (1992), afirma que já existe um grande movimento em apoio a histórias de vida, como base científica. Ele diz que:

Com enorme profusão de abordagens, que necessitam de um esforço de elaboração teórica baseada numa reflexão sobre as práticas e não sob a ótica normativa e prescritiva. Nesse sentido, é importante que este movimento se enriqueça em termos da ação, caminhando, todavia, no sentido de uma integração teórica que traduza toda a complexidade das práticas (PINEAU apud NÓVOA, 1992, p. 19).

Assim, para que o cotidiano do professor, traduzido pelas memórias sejam valorizadas para termos reflexivos, este movimento é de grande importância. De acordo com o autor, este movimento surgiu devido o interesse em fazer com que um conhecimento diferenciado nascesse, ou seja, um que se aproxime mais da realidade vivida diariamente pelos educadores e de suas vivências na prática docente.

Dessa forma, vários pontos positivos podem surgir desse conhecimento, como uma aproximação real do cotidiano do docente, das estratégias que este usa em sala de aula, bem como, apresenta um olhar minucioso para experiências vividas por professores do passado, o que enriquece os conhecimentos atuais.

Tal percepção é compreendido nesta pesquisa de campo, onde antigos educadores do Município de Curalinho, relatam suas experiências vividas na época de suas atuações e através deste relato, é possível comparar as formas educativas, observar as mudanças e fazer um levantamento da positividade ou negatividade do sistema educacional que vivemos na atualidade.

## **2.2 – Síntese da história Oral como documentação**

Este trabalho é baseado em falas, oralidade, por tanto histórias que os professores da comunidade Guajarense relataram sobre a educação, a vivência. E assim como a memória, as histórias orais que se entrelaçam, trazem aos dias atuais vivências do passado, que são importantes. E de acordo com Alberti (1989):

A história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos. ALBERTI (1989 p. 04).

A citação acima é bem clara ao definir história oral, e oral, pois vem apenas da fala, de pessoas relatando fatos que presenciaram ou que foram contadas a ela por

outros. No entanto, pode ser tratado também como uma documentação, pois a memória onde está guardada, são de pessoas e ao serem escritos, podem ser vistos ou consultados por terceiros como um registro ou documentação. Isto na verdade é também uma forma de valorizar a memória dos mais antigos, que tem a função de lembrar ou rememorar. O ato de usar a memória é construir o presente com formas de vida ou vivências que aconteceram no passado. E isso pode acontecer em memórias individuais ou coletivas que influenciam e são influenciados por outros. Registrar essas memórias é guardar, arquivando vivências, no que conhecemos por história oral, como foi realizado no rio Baiano, pelo uso das entrevistas se guardou as memórias daquele povo, de forma que posteriormente outras pessoas poderão ler sobre a localidade e conhecer suas vivências e formações culturais.

Segundo ALBERTI (1989):

Um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, ...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. ALBERTI, (1989: 52).

No caso aqui ocorrido, foram realizadas as entrevistas, dentro de uma pesquisa ribeirinha para a construção do trabalho de conclusão de curso. Onde os moradores foram escolhidos pelas idades mais antigas, pois o que se queria era conhecer um pouco da vida, mas também da história do local, como começou e como os moradores foram parar ali. Também se buscou profissionais da educação que pudessem relatar como se dava a educação desde a fundação da vila. Assim, se utilizou as fontes orais para se transformar em escrito, pois a escrita e as narrativas orais não são fontes diferenciadas entre si, mas que se completam uma com a outra. E as fontes orais não são apenas escritas tradicionais, mas sustentação da escrita, já que em suas construções internas e em suas utilidades são diferenciadas.

Nas concepções de Alessandro Portelli (2006), as fontes orais trazem as marcas do narrador como: os feitos, as crenças, formas de pensar, o imaginário e às experiências vividas. Mesmo não possuindo uma certeza, a fonte oral possui dados que, que muitos documentos não têm. Pois ela se impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas,

simples, sem nenhum status político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época.

### 3 – MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS EDUCADORES DA COMUNIDADE GUAJARENSE

Para esta pesquisa foram necessários dias de convivência e tentativas de realizar entrevistas na Comunidade Guajarense. Ali conversamos com idosos, antigos professores e moradores em geral. Também foi esclarecido aos entrevistados que a pesquisa serviria para um trabalho de conclusão de curso e que precisaríamos gravar suas falas para que a pesquisa tivesse respaldo e se tornasse uma documentação. E segundo José Carlos Sebe B. Meihy e Fabiola Holanda em um livro sobre como fazer e como pensar história oral:

Não resta dúvida: os produtos de entrevista em história oral devem sempre resultar em documentos de base material escrita, ainda que, em tantos casos, derivados de diálogos verbais. Mas isso não iguala aos demais por existência de “documento” (GRIFO DO AUTOR) não resolve tudo. Se há dúvida de qual é o documento em história oral – se a gravação ou o produto final, se o objeto da gravação ou o texto escrito e aprovado pelo colaborador -, não cabe desconfiança de que de um ou outro modo sempre, de um encontro gravado, se pode sair com pelo menos um suporte documental vertido do oral para o escrito. MEIHY & HOLANDA (2001, P. 24).

Dessa forma as entrevistas foram realizadas, ouvidas e transcritas, para a partir delas se tirar um resultado sobre as vivências, educação e mudanças nesta comunidade especificamente em relação a educação que precede ali desde o tempo da ditadura até os dias de hoje, fazendo com que de certa forma, essa pesquisa, também se torne um documento da história deste

#### 3.1 Município de Curralinho e Comunidade Guajarense

FIGURA 01 – Município de Curralinho.



FONTE: [https://www.google.com/search?q=Município+de+Curralinho+Par%C3%A1&client=firefox-b&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjD7cTk493dAhWDh5AKHR29AnoQ\\_AUIDCgD&biw=1525&bih=730#imgsrc=T8FoSfGJa2G8YM](https://www.google.com/search?q=Município+de+Curralinho+Par%C3%A1&client=firefox-b&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjD7cTk493dAhWDh5AKHR29AnoQ_AUIDCgD&biw=1525&bih=730#imgsrc=T8FoSfGJa2G8YM):

As informações do Município são elencadas aqui de acordo com o histórico existente na prefeitura, também é possível encontrar estas mesmas, no site Wikipédia, a enciclopédia livre.

Curralinho é um município brasileiro do estado do Pará. Localiza-se a uma latitude 01°48'49" sul e a uma longitude 49°47'43" oeste, estando a uma altitude de 15 metros. Sua população estimada em 2016 era de 32.881 habitantes. Possui uma área de 3620,279 km<sup>2</sup>.

Curralinho se originou de uma fazenda particular, que cresceu face ao agrupamento de pessoas ligadas a seus proprietários em decorrência de interesses comerciais. Sua denominação vem de "curralzinho", usado pelos aventureiros portugueses que, com o uso, perdeu o "Z". O município de Curralinho foi criado em 31 de Dezembro de 1936.

Hoje o município conta com uma população de aproximadamente 22.888 habitantes. A atividade mais expressiva na estrutura produtiva do município este concentrado no extrativismo vegetal e pesca de forma sustentável, onde todos os produtores hoje utilizam das Boas Práticas de Manejo, com orientação repassadas por profissionais técnicos que atuam nas comunidades com objetivo de qualificar e gerir um produto de qualidade. O deslocamento desses técnicos até as comunidades se dá através de embarcações cedidas por entidades envolvidas no movimento. Toda articulação de desenvolvimento focado no município hoje de forma organizada, só é possível através de um movimento popularmente chamado de Central de Associações, que hoje virou instituição, chamada de Central de Entidades do Arquipélago do Marajó.

O Município de Curralinho localiza-se na microrregião de furos do Marajó tendo como limites ao norte o município de Breves, ao sul o Rio Pará e Baía das Bocas, e ao leste São Sebastião da Boa Vista.

O acesso à cidade, de Belém pelo barco - viagem com 9 horas de duração, partindo dos Portos de Bom Jesus, Custódio, Mundurucus, Boa Viagem, Pindorama e Tamandaré. De avião ha 300Km em linha reta 45 min. em voos fretados. e também pequenos barcos como o do Panela, que sai de Belém, a um preço acessível a todos que gostam de aventura, apenas R\$ 20,00 reais.

A economia da região hoje marca de forma organizada o crescimento da Central de Entidades do Arquipélago do Marajó, conhecida popularmente como Central de Associações. Responsável por 70% da produção local. De forma

significativa, atua na região organizando cerca de 24 associações regularmente cadastradas, ou em processo de regularização. A busca pela qualidade na produção é uma marca da Central, que hoje conta com grandes parceiros que muito atuam na região, como: Emater, IBD, Ministério do Desenvolvimento Agrário MDA, Ministério da Pesca e Agricultura, Sagre, Companhia Nacional de Abastecimento CONAB, SENAI, Ideflor-Pa, Instituto Vitória-régia, Poema UFPA, Banco da Amazônia BASA, CENPAS, entre outros parceiros que muito estão contribuindo com o desenvolvimento do município.

Através de uma articulação política do vereador Marcos Baratinha de Oliveira, (Marquinho) a Central adquiriu um barco com capacidade para 35 toneladas, o que possibilitou desde então o escoamento da produção local. Esse fator também contribuiu com a valorização da produção, sendo que foi natural a redução de atravessadores (comerciantes) que muito desvalorizavam o produtor, pagando valores irrisórios por uma "rasa" de açaí, (RASA: Pequeno paneiro feito da tala do miriti onde é armazenado o produto). Todo esse processo de desenvolvimento hoje atua na região de forma organizada graças a um pequeno grupo de pessoas que contribuem para valorização do produto e também pelas qualificações técnicas e cursos profissionais que estão sendo desenvolvido na região.

Em meio a estes povos que foram trazidos em sua maioria do Nordeste, deu-se início a Comunidade onde se deu essa pesquisa, sobre as vivências e educação deste povo ribeirinho.

Para esta pesquisa foi necessário, várias investidas junto aos educadores aposentados do local, visto que não gostam de participar de estudos e outras situações do gênero, somente foi possível, pelo fato de se fazer parte da comunidade como educadora, assim temos a confiança de que não tiraríamos imagens das pessoas para divulgação, usando apenas seus relatos e memórias.

Para que este trabalho se realizasse a pesquisa iniciou-se pela cidade de Currálinho, pois com as orientações, se buscou possíveis fontes que estivessem dispostos a nos ceder de seus tempos e de suas vivências para a pesquisa. Assim em meados do mês de fevereiro de 2018, nos dirigimos a prefeitura Municipal, a fim de encontrar documentação sobre a localidade e a educação na época da ditadura, no entanto, nada foi encontrado, ficando apenas os relatos dos educadores antigos, como fonte de informação.

Quanto ao perfil dos entrevistados, se buscou pessoas idosas que guardam em suas memórias a história do local, pois sendo descendentes dos povos da borracha, poderia, além de informações da educação, explicar melhor sobre uma possível data da povoação da comunidade. Assim foram selecionados cinco narradores, sendo dois professores e três moradores da localidade.

Os professores são Rosinete de Lima Santos que trabalhou como professora no ano de 1973 e Domingos Souza Pantoja nascido no ano de 1954.

Os moradores da Comunidade são Cláudio Soares, 67 anos, Raimundo Silva, 70 anos e José Ferreira, 57 anos.

Em relação a população dessa localidade, em sua maioria, são pessoas simples que recebem bem a visitantes, pois segundo eles, de vez enquanto aparecem pesquisadores, do IBAMA universidades para investigar a respeito da educação ou das narrativas orais que são muitas no local. Importante citar que a pesquisa tem como documentação apenas a narrativa oral dos moradores mais antigos e de professores. Segundo a fala do senhor Raimundo (2018):

Meu bisavô chegou pra cá isso aqui era deserto. O primeiro morador aqui, foi ele. Ele mandou chamar os parentes, amigos, as mulheres e foi povoando [...] a produção daquele tempo era só a borracha, arroz, feijão, aí depois passou pra madeira [...] **(trecho da entrevista da Sr. Raimundo Silva, Comunidade Guajarense 2018, na Residência em 07-02-2018).**

Dona Maria, esposa do senhor Raimundo, que também estava na hora da entrevista, fala um pouco sobre como era o local quando ela foi morar ali. Que segundo ela, era um rio muito triste, não passava barco, não havia vizinhos, já que as pessoas só iam por causa de uma igreja que lá foi construída. Dessa forma, as pessoas apenas se hospedavam e depois das festividades da igreja voltavam para suas casas em outros locais. O lugar da Igreja na comunidade, foi doado pelos pais da Senhora Maria, ao Aos poucos, os parentes da esposa do narrador, foram construindo pequenas casas que deram origem a atual Comunidade Guajarense.

A maioria de suas casas construídas de madeira. Existem poucas com cozinhas ou banheiros de alvenaria, sendo todas de frente para o rio. Muitas propriedades foram e estão sendo vendidas para proprietários outras são herdadas de pais para filhos.

As inferências urbanas são continuas nas comunidades e são percebidos nos diferentes materiais de construção utilizados, nas antenas parabólicas presentes em algumas casas, a instalação de antenas de telefone e radio fonia, principalmente em

vilas, e que nem sempre funciona, mas que possibilita a comunicação entre as comunidades e com outras partes do mundo.

A população está formada por uma mistura de pescadores e agricultores. Frequentemente, os agricultores ocupam-se cultivando uma área de cerrado, terreno áspero que, com frequência, rende algum lucro. A maioria é de subsistência, principalmente da pesca, retirada do açaí, palmito e madeira. As mulheres, em geral, são donas de casa, criam animais domésticos, ajudam nos trabalhos do campo, encarregam-se dos afazeres domésticos, como cozinhar, lavar, limpar a casa e outros, com exceção das professoras que trabalham na escola.

FIGURA 02 – Escola Guajarense.



FONTE: Acervo da pesquisa de campo.

A comunidade possui, obrigatoriamente, uma escola, sendo este o instrumento mais importante da mesma, sendo municipal, oferece ensino nas séries iniciais do ensino fundamental.

Quanto às possibilidades de emprego na comunidade são limitadas e são comuns famílias grandes, constituídas por cinco ou mais crianças. A população experimenta certa migração, porém, também chegam famílias às comunidades, procedentes de áreas vizinhas ocasionalmente da zona urbana das cidades próximas. Muitas famílias migram para a capital, principalmente para que seus filhos possam

estudar. Entretanto, muitos que estão há mais tempo fora, frequentemente, mantêm seus laços com seu povo e regressam para assistir às festas para as quais exigem-se contribuições monetárias.

Algumas das construções melhores e mais recentes dão às comunidades uma aparência de maior riqueza e oportunidades econômicas. A migração é produto de escassez de emprego e das baixas condições econômicas que caracterizam a zona rural ribeirinha. De toda forma, as pessoas que residem na comunidade Guajarense permanecem como verdadeiras testemunhas das modificações que gradativamente foram acontecendo na região.

Apesar de tudo, são fortemente impregnadas de uma sabedoria que só se adquire na convivência com elementos que são comuns na sua história. Elementos que permeiam o cotidiano dessas comunidades e que remetem para uma preocupação com a continuidade das mesmas, das suas diversidades culturais, biológicas, sociais e também do processo educativo que se instala e proporciona uma visão de mundo centrada nas suas mais diferentes manifestações, sejam em sala de aula ou fora desta. O interessante é que reconhecem, mesmo que não explicitamente, a importância do aprender e do continuar a existir. Reconhecem a sua própria importância e da identidade ali construída.

### **3.2 Vozes dos professores do passado em uma abordagem de memórias sobre a trajetória docente**

As narrativas de vida, educação e histórias na comunidade Guajarense, com inferências sobre a educação narrada por professores já aposentados, que conheceram um modelo diferente de educação, nos tempos passados, principalmente na época da ditadura. Onde são apresentadas histórias de vidas e descaso com a profissão de educador. O que nos faz empreender uma busca pelo desencanto e desvalorização da profissão docente, pensada na singularidade que existem até os dias atuais.

Nas falas dos professores já aposentados, é percebido uma alusão positiva quanto ao ensino tradicional, mas expõe as dificuldades vividas em sua época de docente. Como vemos na fala da professora Rosinete (2018):

Foi um pouco difícil, porque faltava muito material, faltava local próprio, não tinha escola, trabalhava na sala da minha casa, as vezes não tinha banco,

não tinha cadeira. Já bem depois mesmo, que... a comunidade ganhou uma escola lá, no Guajará, uma escolinha de madeira, foi que melhorou mais. Mas antes era difícil, trabalhava multisseriado, não sabia pra quem dar atenção, se alfabetização, se primeira série, até a quarta. Depois que entrava na sala de aula sete e meia, ai quase nem sentava (risos), nem parava de falar, mas foi bom. **(Trecho da entrevista da prof. Rosinete de Lima Santos, Comunidade Guajareense 2018, na Residência em 09-02-2018).**

É com pesar que se pensa na educação com retrocesso, pois o ano que a professora Rosinete narra estes fatos, é 1973, mais de 40 anos atrás e o retrato da educação pouco mudou, pois ainda vivenciamos o modelo mult nas salas de aulas ribeirinhas.

Outra questão interessante na entrevista da professora Rosinete, é a questão do salário que os professores recebiam, o que apresenta um cenário de maior amor pela profissão de docente, pois se nos dias atuais, os educadores já reclamam de baixos rendimentos, os salários recebidos na época de 1973 eram bem piores. Mas é com diversão que a entrevistada retrata tal situação. Quando perguntada sobre seus salários, ela diz o seguinte:

(Risos), Ixi, lembro até hoje (risos), meu primeiro salário era... 100... não era real ainda, era 100... cruzeiros. Só uma nota, eu lembro até hoje que recebi, só uma nota de 100 cruzeiros, por muito tempo trabalhávamos pela metade do salário mínimo. E na época que foi o Acapú (o prefeito), eu fiquei por duas vezes, até sete meses sem receber. E uma vez teve uma reunião aí, o compadre Duca até perguntou: E se ele não pagar, o que a senhora vai fazer? Eu respondi pra ele, que eu ia continuar trabalhando, porque se eu não fizesse alguma coisa por aquelas crianças, quem mais iria fazer? Ia se deslocar pra ir fazer, então eu fazia. **(Trecho da entrevista da prof. Rosinete de Lima Santos, Comunidade Guajareense 2018, na Residência em 09-02-2018).**

Mas uma vez as coincidências são visíveis com a realidade atual, pois no próprio município de Curralinho, recentemente houve vários movimentos devido aos atrasos de salários dos educadores. No entanto, o amor que a educadora demonstra ter sentido é visível, pois mesmo tendo passado tanto tempo sem receber salário, ainda sim queria continuar, pois as crianças dependiam dela para aprender, mesmo que fosse pouco.

Quando se fala em pouco, não se pontua a falta de interesse da professora, mas da situação que segundo ela existia, sendo poucos recursos, materiais didáticos e pouco interesse do governo em investir em educação para a população.

Na história geral do Brasil, como aponta Palma Filho (2005), o Brasil desde o ano de 1971 vivia novas política na educação. Segundo o autor:

Em 1971, com uma nova LDB, ocorreu a reforma dos ensinos fundamental e médio, durante o Governo Médici. Foram integrados o primário, ginásio, secundário e técnico. Disciplinas como Filosofia (no 2º grau) desapareceram e outras foram aglutinadas (História e Geografia formaram, no 1º grau, os "Estudos Sociais"). As "Escolas Normais" foram extintas. É criado o "vestibular classificatório", garantindo a vaga nas universidades apenas até o preenchimento das vagas disponíveis. (PALMA FILHO 2005, p. 02).

Surgia uma nova LDB, novas etapas de ensino eram integradas, mas na sala da professora Rosinete, a realidade permanecia a mesma. Situação que pode ser vista até a atualidade, pois muitas políticas ao serem lançadas, dificilmente alcançam as realidades rurais, principalmente as comunidades ribeirinhas mais distantes das grandes metrópoles.

O outro professor entrevistado se chama Domingos Souza Pantoja. Nascido no ano de 1954, atuou como professor na Escola Guajarense com 23 anos de idade, no ano de 1976. Segundo sua narração, se tornou educador pela necessidade que havia na comunidade Portugal. Quando atuou como professor, não possuía formação em docência, mas como narra, foi estudando e concluindo o mínimo para se manter na profissão. A este respeito ele diz o seguinte:

Eu assumi a partir do mês de março. Daí eu fui... me atualizando. Concluí o ensino médio, na época tinha a quarta série, o ensino fundamental, melhor, depois as oportunidades foram surgindo, eu concluí o ensino médio, cursei o curso magistério, e as oportunidade continuavam na época, eu continuei cursando o nível superior, curso de pedagogia e me formei em pedagogia. Quando tava no meio do curso, completava o meu tempo de aposentadoria, ou seja, o tempo de contribuição. E hoje tô com oito anos fora da sala de aula, mas continuo sendo professor até morrer, como a gente costuma a dizer né? **(Trecho da entrevista da prof. Domingos Souza Pantoja, Comunidade Guajarense 2018, na Residência em 12-02-2018).**

O professor retrata em sua narração, situação comum ao que muitos professores do passado vivenciaram, com a necessidade de atuação, era requisitado apenas pessoas que soubessem ler em alguns casos, e no que diz respeito ao professor Domingos, ele foi aproveitando as oportunidades que iam surgindo, para se capacitar na docência.

Uma situação narrada por seu Domingos que dá as características de como era trazida a educação para essa área ribeirinha. Ele diz o seguinte: *“eu assumi, já tinham ido embora os primeiros que surgiram, em 1968 e 69, através de uns padres*

*de vieram pra cá, pro Município de Curralinho, inclusive, ficaram pelo interior, criaram várias comunidades”.* Esse trecho da entrevista retrata uma educação de características colonial, onde os padres eram responsáveis pelo ensino.

Segundo o professor Domingos, todas as comunidades do Município de Curralinho pelos rios, foram fundadas pela igreja, através dos padres, mas seguindo na entrevista, ele exemplifica como era ser professor nesse período, onde a ditadura ainda predominava no Brasil, e mesmo a o Município de Curralinho, ficando bem distante do cenário de horror que era a ditadura, ainda sim sofriam as consequências do descaso à educação. Em seu relato sobre esse período ele diz:

Eu teve que encarar esse lado ai, foi um sofrimento pra mim porque, era uma base remando, pra chegar até a escola, teve ano, que eu assumi 48 alunos, em séries diferenciadas, a multisseriado, que não é fácil trabalhar quatro séries ao mesmo tempo, que era multisseriado, escola isolada, onde o professor lá, ele tinha que ser diretor, professor, faxineiro, cozinheiro, ou melhor, merendeiro, então tinha que se virar pra... que as coisas pudessem acontecer, o melhor para os alunos na época. ). **(Trecho da entrevista da prof. Domingos Souza Pantoja, Comunidade Guajarense 2018, na Residência em 12-02-2018).**

Em uma época onde a educação era totalmente desvalorizada, professores como seu Domingos e dona Rosinete, eram heróis que se dedicavam levar nem que fosse o mínimo para oferecer as crianças que não tinham quase nada. Pois por mais que localidades vivessem afastadas de lugares onde a ditadura era mais frenética, ainda sim sofriam as consequências. E como o professor relata:

Esse lado, eu pouco participei, não tive muito acesso na questão da ditadura militar, mas na época quando me entendi, já não se trabalhava mais a questão da ditadura militar na sala de aula. Mas ainda se tinha vestígio, porque o aluno era castigado, no caroço de milho, chumbo, tabuada, inclusive eu ainda participei um pouco dessa época da decoreba, da aula tradicional, do ensino tradicional. Da palmatória, inclusive eu, ainda participei da palmatória, mas hoje posso afirmar que foi muito bom pra mim, foi uma coisa boa, porque aprendi as quatro casa da tabuada, adição subtração aprendi de có. **(Trecho da entrevista da prof. Domingos Souza Pantoja, Comunidade Guajarense 2018, na Residência em 12-02-2018).**

Resquícios de castigos, onde o ensino funcionava pelo cabresco, o professor quando relatou essa parte da história, seu semblante muda, sua voz toma um tom sério, como se ele vivenciasse a cena, assim em conversa informal, diz que não eram tempos bons para ninguém, que criança tinha que obedecer e ao comparar com os

dias atuais, ele diz que tudo perdeu-se com a modernidade, onde aluno manda e humilha professores e em vez de melhorar, só piora a cada dia.

### **3.3. Atuação dos professores na Ditadura Militar**

O instrumento de coletas de dados, além de conversas informais e observações, foram dois tipos de questionários. Onde o primeiro foi direcionado para a professora Rosinete, com 12 questões a respeito de sua atuação como professora na época da ditadura. A intenção para este questionário era conhecer os caminhos que foram percorridos pelos educadores, para atuar em sala de aula.

Observe o questionário:

#### **1) Qual Seu nome? Que ano você nasceu? E em que ano você iniciou o trabalho como educadora?**

*R= Meu nome é Rosinete de Lima Santos, eu comecei a trabalhar pela prefeitura de Curralinho, no ano de 1973, dia primeiro de Abril (risos), parece mentira que é considerado (risos), agora nesse dia foi o meu contrato.*

#### **2) Quais foram os procedimentos necessário para ingressar no trabalho como educadora?**

*R= Na época eles só pediam mesmo, que a gente apresentasse um documento de escolaridade, se pudesse no meu caso, foi o magistério, como tava incompleto eu tive que... concluir pelo gavião (risos), projeto gavião, eu concluí o magistério, é o ensino médio hoje né? Até tá em extinção já.*

#### **3) Quem lhe chamou para trabalhar como professora? Quem lhe contratou?**

*R= Foi através do Moisés Sampaio de Oliveira, que era vereador lá no Município, ele que me apresentou na prefeitura e o prefeito da época, era... não sei o que Chagas, só chamavam seu Chagas pra ele, mas não lembro o nome antes, (risos).*

#### **4) Como foi sua trajetória, durante os anos que atuou como educadora?**

*R= Foi um pouco difícil, porque faltava muito material, faltava local próprio, não tinha escola, trabalhava na sala da minha casa, as vezes não tinha banco, não tinha cadeira. Já bem depois mesmo, que... a comunidade ganhou uma escola lá, no Guajará, uma escolinha de madeira, foi que melhorou mais. Mas antes era difícil, trabalhava multisseriado, não sabia pra quem dar atenção, se alfabetização, se primeira série, até a quarta. Depois que entrava na sala de aula sete e meia, aí quase nem sentava (risos), nem parava de falar, mas foi bom.*

#### **5) Como era o salário?**

**R=** *(risos), lxi, lembro até hoje (risos), meu primeiro salário era... 100... não era real ainda, era 100... cruzeiros. Só uma nota, eu lembro até hoje que recebi, só uma nota de 100 cruzeiros, por muito tempo trabalhávamos pela metade do salário mínimo. E na época que foi o Acapú o prefeito, eu fiquei por duas vezes, até sete meses sem receber. E uma vez teve uma reunião aí, o compadre Duca até perguntou: E se ele não pagar, o que a senhora vai fazer? Eu respondi pra ele, que eu ia continuar trabalhando, porque se eu não fizesse alguma coisa por aquelas crianças, quem mais iria fazer? Ia se deslocar pra ir fazer, então eu fazia.*

**6) Tem algum fato da ditadura que inferiu na educação?**

**R=** Não sei falar disso.

**7) Quantos anos você trabalhou como educadora?**

**R=** *Foram 27 anos, no Guajará.*

**8) Como você se sente hoje em poder contribuir com a educação do seu Município?**

**R=** *Eu me sinto muito recompensada, porque olhar e ver que você foi minha aluna. E tá concluindo um nível superior na UFPA, pra mim isso é um orgulho. Meus filhos também que foram meus alunos, que hoje estão formados, me sinto muito recompensada. Feliz de ter participado daquela trajetória, de tantas pessoas que tiveram essa vontade de crescer.*

**9) quais as maiores dificuldades encontrada nos alunos, na época que você era professora?**

**R=** *A dificuldade era falta de conhecimento mesmo, porque a gente não tinha material didático, não tinha material de apoio. E não tinha nem televisão na época, que hoje já transmite mais conhecimento. Aí era difícil, todo conhecimento que os alunos tinham, era trazido de casa mesmo e aprendido pouco na escola. Por isso que poucos prosperaram.*

**10) Como se dava o relacionamento professor e aluno naquela época?**

**R=** *(risos), tinham alguns que eram bem compreensíveis, mas tinham alguns que... não sei se era eu que não entendia eles ou se eles não me entendiam. A gente não tinha... o fato de serem séries tudo misturados, ai complicava mais ainda. Mas eu tive bons alunos. Eu entendia, tive paciência.*

**11) Como os alunos eram avaliados, na questão pedagógica?**

**R=** *Era só através de provas, logo quando comecei, era só através de provas. E depois já, um tempo, era exercícios, e algum trabalhinho, (risos).*

**12) Os trabalhos pedagógicos se efetivavam apenas em sala de aula, ou já havia trabalhos extraclasse?**

**R=** *Tinha o dever de casa, trabalhinhos extraclasse.*

O segundo questionário foi entregue ao professor, também já aposentado: Domingos Souza, onde se pretendia comparar as respostas dos dois educadores, a respeito da inserção e atuação em sala de aula. A intenção era elevar a pesquisa para que mais educadores conhecessem a trajetória educacional, existente na localidade.

De certa forma houve uma frustração nesta pesquisa, pois não há documentação na prefeitura, cartório ou demais setores públicos que comprovem a veracidade dos relatos ou do período da ditadura. OP que nos deixou a penas com as memórias dos entrevistados, e conversas informais, realizadas durante a pesquisa.

Veja abaixo o questionário do professor Domingos Souza:

**1) Qual Seu nome? Que ano você nasceu? E em que ano você iniciou o trabalho como educadora?**

**R=** *Meu nome é Domingos Souza Pantoja. Eu nasci no ano de 1954, 04 de agosto de 1954. Hoje tô com 64 anos. Entrei na educação por uma necessidade de professor, na localidade, na comunidade Portugal. Já atuei vários tempos lá, na época que entrei, qualquer pessoa, no caso, no Pará, é... pessoas que tinha as séries iniciais, quarta e quinta série, podia assumir sala de aula. Como havia necessidade de professor na localidade Portugal, eu fui convidado, fui indicado por pessoas a assumir sala de aula. Nessa época eu tinha 23 anos, no ano de 1976, pela meitada de 1976. Em 1977 eu assumi a partir do mês de março. Daí eu fui... me atualizando. Concluí o ensino médio, na época tinha a quarta série, o ensino fundamental, melhor, depois as oportunidade foram surgindo, eu conclui o ensino médio, cursei o curso magistério, e as oportunidade continuavam na época, eu continuei cursando o nível superior, curso de pedagogia e me formei em pedagogia. Quando tava no meio do curso, completava o meu tempo de aposentadoria, ou seja, o tempo de contribuição. E hoje tô com oito anos fora da sala de aula, mas continuo sendo professor até morrer, como a gente costuma a dizer né? E... foi dai que... na época ei fiquei muito feliz, porque hoje, pessoas que passam por mim, já... já puderam avançar bastante, tem aluno que passaram por mim, são professores e isso é muito gratificante pra mim. Eu sempre falo, quando se dá a oportunidade, porque... era um sonho meu, como pessoa, como jovem, assumir uma sala de aula e poder ter oportunidade de estudar um pouco. E sempre que eu me expresso em público, principalmente na escola Portugal, onde eu sempre mais atuo, eu não deixo de deixar o recado, que todos nós temos a oportunidade e somos capazes de avançar, quando a gente tenta buscar o melhor, até mesmo na redondeza, pra nosso povo, pra nossa juventude.*

**2) Quais foram os procedimentos necessário para ingressar no trabalho como educadora?**

**R=** *Foi uma indicação pela necessidade de professor na localidade Portugal, que não tinha na época, que eu assumi, já tinham ido embora os primeiros que surgiram, em 1968 e 69, através de uns padres de vieram pra cá, pro Município de Curralinho, inclusive, ficaram pelo interior, criaram várias comunidades. Aí... eles influenciaram muito, botando professores de outros lugares pra assumir é... a aula na escola capela, naquele tempo não tinha... o Município, ele tinha, quando eu entrei, ele tinha uma faixa de 64 professores no Município, era muito escasso, professores no Município. Também não se ganhava o salário mínimo, ganhava metade do salário mínimo. Muitas pessoas desistiram por causa de que não é fácil, hoje se ganha o salário mínimo não dá... Eu teve que encarar esse lado aí, foi um sofrimento pra mim porque, era uma base remando, pra chegar até a escola, teve ano, que eu assumi 48 alunos, em séries diferenciadas, a multisseriado, que não é fácil trabalhar quatro série ao mesmo tempo, que era multisseriado, escola isolada, onde o professor lá, ele tinha que ser diretor, professor, faxineiro, cozinheiro, ou melhor, merendeiro, então tinha que se virar pra... que as coisas pudessem acontecer, o melhor para os alunos na época.*

**3) Quem lhe chamou para trabalhar como professora? Quem lhe contratou?**

**R=** CONTEMPLADA NA RESPOSTA DA QUESTÃO 02

**4) Como foi sua trajetória, durante os anos que atuou como educador?**

**R=** CONTEMPLADA NA RESPOSTA DA QUESTÃO 02

**5) Como era o salário?**

**R=** CONTEMPLADA NA RESPOSTA DA QUESTÃO 02

**6) Tem algum fato da ditadura que inferiu na educação?**

**R=** *Esse lado, eu pouco participei, não tive muito acesso na questão da ditadura militar, mas na época quando me entendi, já se não se trabalhava mais a questão da ditadura militar na sala de aula. Mas ainda se tinha vestígio, porque o aluno era castigado, no caroço de milho, chumbo, tabuada, inclusive eu ainda participei um pouco dessa época da decoreba, da aula tradicional, do ensino tradicional. Da palmartória, inclusive eu, ainda participei da palmartória, mas hoje posso afirmar que foi muito bom pra mim, foi uma coisa boa, porque aprendi as quatro casa da tabuada, adição subtração aprendi de có.*

**7) Quantos anos você trabalhou como educador?**

**R=** Não respondeu

**8) Como você se sente hoje em poder contribuir com a educação do seu Município?**

**R=** Me sinto orgulhoso, de ter podido contribuir. É muito gratificante quando vejo um aluno meu, assumindo sala de aula como professor. Isso é muito gratificante, pra o professor, principalmente eu como professor, que teve tanta dificuldade e hoje ver que a mudança daquela época pra hoje, acontece a cada ano, porque a questão de transporte, meio de transporte pro aluno tá mais favorável. O aluno tem alguns equipamentos na escola que eu não tive, que eu não pude ofertar pros meus alunos. Então isso é gratificante. A gente poder tá vendo que muitas coisa melhorou sim, a questão da educação tradicional e a questão hoje.

**9) quais as maiores dificuldades encontrada nos alunos, na época que você era professor?**

**R=** *Quando eu assumi, os alunos não tinham a cadeira que hoje se tem nas escolas, o aluno ficava sentado no chão e o caderno em cima dumas umas régua que era uma espécie de banco, na escola capela. Quando assumi a sala de aula. E uma das dificuldades muito grande era isso, os alunos ficavam sentados no chão e escrever em cima do banco naquela época era “estreito”, outra era a questão da merenda, a merenda era muito escassa no Município, muito escassa, passava de dois meses sem ter um copo com leite, quando vinha, aí era racionado, porque o município não tinha o avanço que hoje já se tem. Era muito difícil. E trabalhar, assumir uma turma, no caso 48 alunos, no mesmo tempo, em quatro horas de tempo e poder acudir esses alunos em series diferenciadas, que era multisseriada, da alfabetização a quarta série.*

**10) Como se dava o relacionamento professor e aluno naquela época?**

**R=** *O relacionamento do professor e aluno, posso afirmar que era mais favorável pro professor, porque naquele tempo, o aluno ainda tinha uma timidez né? Respeitava mais o professor. Hoje tá mais fácil por um lado mas pelo outro... Porque nessa época, se tinha ainda um restante ainda da “decoreba”, na época da decoreba, que a pessoa poderia decorar o texto, poderia decorar a tabuada, então muitas coisas que na época, do passado, passou, hoje já mudou muita coisa. Um mudanças foram pra melhor, outras, sabe o jeito que tá, hoje o aluno, muitas vezes não respeita o professor, da forma que ele deveria respeitar e assim sucessivamente.*

*A questão com a comunidade, acontecia reunião entre os professores, os alunos e também os pais de alunos. E até as pessoas da secretaria de educação, eles faziam questão de está presente.*

*Mas não eram tão presentes, porque naquela época se trabalhava a questão do expetor escolar, ele percorria o município. Tinha vários expetor escolar, inclusive ele vinha na escola, que hoje é o pessoal da secretaria, mas era dessa forma que acontecia. Era o expetor escolar que vinha e via o que acontecia na questão escolar.*

### **11) Como os alunos eram avaliados, na questão pedagógica?**

**R=** *Avaliados através de uma prova, uma prova que se colocava, mas também já se trabalhava a questão do comportamento do aluno, com a participação do aluno, a frequência, tudo isso já se trabalhava um pouco. Era dessa forma.*

### **12) Os trabalhos pedagógicos se efetivavam apenas em sala de aula, ou já havia trabalhos extraclasse?**

**R=** *Se trabalhava também, principalmente a questão da matemática, as quatro operações fundamentais, que botava pro aluno trazer no outro dia, seguinte de aula.*

As narrativas e reflexões feitas tanto pelos moradores, quanto pelo professor e professora entrevistados, nos apresentam uma vivência conhecida no cenário ribeirinho, mas também nos levam ao passado que parece tão próximo, quando vemos semelhanças com a atualidade.

Ao ouvir os relatos dos educadores nos posicionamos com Gatti e Barreto (2009), que enfatizam a questão de países não conseguirem atingir padrões que qualifiquem a responsabilidade que a docência tem perante a educação. Assim, os educadores ao relembrar suas atuações, com salários atrasados, falta de materiais, de apoio governamental, sem estrutura física, mas que sentiam prazer em poder oferecer, mesmo que mínimo para as crianças ribeirinhas. Nos fazendo olhar de forma diferenciada para as várias facetas da educação.

Este olhar possibilita aos educadores perceberem como estão diante do mundo a forma peculiar como cada docente vincula-se com o trabalho e a trajetória da história de vida é que determina o desenrolar do percurso profissional. Perceber a pertinência das histórias de vida dos educadores, trazendo as implicações que o cercam ao

exercer suas funções foi o primeiro passo para considerar a cultura das narrativas para este estudo.

Com as narrativas das histórias de vida, tanto dos educadores, quando dos moradores da comunidade, busquei conhecer os diferentes percursos e os desencantos que sofreram os colaboradores da pesquisa. E em relação a educação, as narrativas tornam-se documento de um momento vivido na educação, que poucos tem acesso, mas que narrada, nos fazem compreender sua dimensão. Assim, inspirada em Souza (2006), busca-se entender que a pertinência,

Da narrativa (auto) biográfica inscreve-se num amplo movimento de investigação [...] o qual tem adotado a abordagem biográfica como perspectiva epistemológica sobre a aprendizagem dos sujeitos, a partir de suas próprias experiências. A opção e a inscrição desta pesquisa neste campo e nesta abordagem nascem da necessidade de ampliar os estudos sobre histórias de vida e mais, especificamente, sobre as narrativas (SOUZA 2006, p. 49).

Este estudo se baseia em histórias de vida, onde não houve momentos de reflexão para atuar como docente, a profissão para os dois entrevistados chegou como uma necessidade, não de ganhar bem ou ter sustento, pois pelas narrativas é percebido que este não foi o caso, mas como uma necessidade de mão-de-obra e o desejo em participar de alguma forma na formação de um povo, que não tinha senão a própria história de vida e o lugar onde viviam.

Segundo os educadores e moradores da comunidade, o modelo de escola so mudou no comportamento dos alunos, pois eles ainda conseguem ver muito do que viveram quando atuavam como docentes. Outra característica diferenciada é a questão da estrutura da escola, que na época de Rosinete, acontecia em sua sala onde residia, e, mesmo que estagnada, a escola tem outra aparência.

As narrativas fazem inferências a uma educação estagnada, onde durante os relatos vemos semelhanças que vem desde o período colonial, até a ditadura, momentos históricos que sucatearam a vida docente, sem valorizar a importância.

Quando questionamos ao professor sobre a observação do mesmo em relação a relação professor e aluno, sua observação retrata uma educação totalmente diferente. Ele diz:

O relacionamento do professor e aluno, posso afirmar que era mais favorável pro professor, porque naquele tempo, o aluno ainda tinha uma timidez né? Respeitava mais o professor. Hoje tá mais fácil por um lado mas pelo outro...

Porque nessa época, se tinha ainda um restante ainda da “decoreba”, na época da decoreba, que a pessoa poderia decorar o texto, poderia decorar a tabuada, então muitas coisas que na época, do passado, passou, hoje já mudou muita coisa. Um das mudanças foram pra melhor, outras, sabe o jeito que tá, hoje o aluno, muitas vezes não respeita o professor, da forma que ele deveria respeitar e assim sucessivamente. **(Trecho da entrevista da prof. Domingos Souza Pantoja, Comunidade Guajarense 2018, na Residência em 12-02-2018).**

O professor retrata em sua fala, duas situações, a primeira se trata do relacionamento entre alunos e professores, onde o educador era mais valorizado, e quando o mesmo cita a timidez, fala do respeito que os mesmos tinham pela figura que se configurava o professor em uma sala de aula.

Por outro lado, ao citar a “decoreba”, mostra o quanto a educação era assemelhada ao ato de decorar, como obtenção de conhecimento. Pois era assim mesmo que funcionava, pois se o educador não tinha formação suficiente para estar atuando em sala de aula, também não poderia oferecer uma educação de qualidade

Essa falta de conhecimento é descrita pela professora Rosinete, quando diz:

A dificuldade era falta de conhecimento mesmo, porque a gente não tinha material didático, não tinha material de apoio. E não tinha nem televisão na época, que hoje já transmite mais conhecimento. Aí era difícil, todo conhecimento que os alunos tinham, era trazido de casa mesmo e aprendido pouco na escola. Por isso que poucos prosperaram. **(Trecho da entrevista da prof. Rosinete de Lima Santos, Comunidade Guajarense 2018, na Residência em 09-02-2018).**

Portanto a educação apresentada por nossos narradores, em plena época de ditadura, mostra a defasagem no conhecimento, que era sucateado, tanto na desvalorização do docente, quanto na qualidade do ensino.

Nos dias atuais, infelizmente ainda vivemos resquícios dessa educação defasada, com baixos salários, atrasos e falta de infraestrutura, bem como a não atenção para algo tão importante para a sociedade que é a educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar a trajetória dessa pesquisa, ao refletir sobre todo este estudo, é possível perceber que a profissão docente não foi valorizada na história como se devia, mas não basta dar uma formação pedagógica ou de magistério para se constituir como saberes suficientes para a atuação em sala de aula, pois está mesmo vindo de um histórico defasado e sem qualificação valorização governamental e social, tem seu valor.

O valor da docência é percebido em narrativas com vivências de dificuldades, de superação e de saudade em exercer “até morrer”, como vemos na fala do professor entrevistado, que mesmo já estando aposentado a oito anos, sente-se professor, valoriza o tempo que vivenciou a sala de aula, compara a educação do passado e do presente, pontuando sua visão, mesmo que distorcida do que seja ensino ou aprendizagem, mas com o prazer que só os professores conhecem.

Assim, através deste estudo, constatamos que para que a melhoria da educação e principalmente na vida docente aconteça, é preciso superar as marcas do período colonial, onde eram escolhidos para fazer o que o sistema determinava, sem capacitá-los. É preciso também reconhecer suas capacidades de transformar suas práticas pedagógicas, onde possam produzir novos conhecimentos. Contudo, essas transformações só ocorrerão de fato quando houver reflexão por parte dos educadores e valorização por parte do governo.

No decorrer da história, a profissão de educador sempre se mostrou inacabada, pelas políticas eu a cercam, mas sempre em busca de saberes para sanar essas dificuldades.

Sobre a educação em si, no papel de sala de aula no modelo ribeirinho, infelizmente ainda detectamos muitas características do passado, com turmas superlotadas, várias séries em uma mesma sala e um único professor. Ao que parece, ouvindo os relator, entendemos que a educação ribeirinha estagnou no passado, tendo poucas mudanças no comportamento dos alunos, que não são mais tão “tímidos”, mas com a mesma forma de ensinar classes mult.

Dessa forma este estudo mostra, o quanto a profissão de professor continua desvalorizada e no quanto ainda precisa melhorar, com a necessidade desses profissionais se capacitarem para a partir deles a educação também terem resultados melhor na vida das crianças.

E no que diz respeito a vivencia ribeirinha, tem suas características que não precisam se manter no passado, mas necessitam, de mudanças, inovações que possam garantir uma educação de qualidade para os alunos que ali residem.

## REFERÊNCIAS

ABRANHÃO, M. H. M. B. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

ALBERTI, V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ARISTÓTELE. **A poética**. Stuttgart 1982.

BARROS, Roque Spencer M. de. **A ilustração brasileira e a ideia de universidade**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1959.

BARROS, O. F. Classes multisseriadas em escola rural ribeirinha: a práxis pedagógica de uma educadora. In: Oliveira, I. A. de (Org.). **Caderno de atividades pedagógicas em educação popular**. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural de narrativas**. In: (idem) *A aventura semiológica*. Frankfurt/Main 1988.

BRUNER, J. (1991). **A construção narrativa da realidade**. *Inquérito Crítico*, 18, 1-21.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

GATTI, Bernadete Angelina (Coord.) e BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília/DF: UNESCO, 2009.

HOELLER, S. C. Programa projovem campo – saberes da terra e o processo de formação continuada. In: HOELLER, S. C. *et al.* **Um processo inovador na educação do campo: alguns olhares**. Matinhos, PR: UFPR Litoral, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe B. & HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como fazer Como Pensar**. Ed. contexto. São Paulo, 2011. ISBN 978-85-7244-376-0.

MOTA NETO, J. C.; OLIVEIRA, I. A. de. Saberes da terra, da mata e das águas, saberes culturais e educação. In: Oliveira, I. A. de (Org.). **Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas**. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

NÓVOA, A. **O passado e o presente dos professores**. In: NÓVOA, A. (Org.). *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora, 1991.

\_\_\_\_\_. **Os professores e suas histórias de vida.** In: NÓVOA, A. (Org.). Vidas de Professores. Coleção Ciências da Educação, v. 4. Porto: Porto Editora, 1992.

OCHS, Elinor/TAYLOR, Carolin. **Narrativa da família como atividade política.** In: Discourse and Society 3, 1992: 301-340.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): **mito, política, luta e senso comum.** In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SAVIANI. Dermeval. **Política e Educação no Brasil – O papeç do Congresso Nacional na Lesgilação do Ensino.** São Paulo, Cortez, 1987.

SILVA, M. S. Educação como direito: reler o passado, refletir o presente e projetar o futuro. In: LUNAS, A. C.; ROCHA, E. N. (org.). **Práticas pedagógicas e formação de educadores(as) do campo: caderno pedagógico da educação do campo.** 2. ed. Brasília, Dupligráfica, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas.** In: SOUSA, Elizeu Clementino de.;

TANURI, Leonor M. **O ensino normal no estado de São Paulo: 1890-1930.** São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1979.

\_\_\_\_\_. **História da Formação de Professores.** Revista Brasileira de Educação. Campinas: n.14, p. 61-88, mai./jun./jul./ago., 2000.

TEIXEIRA, S.M.F. **Política de saúde na transição conservadora.** Rev. Saúde Debate, n.26, p.42-43 , 1989.

ZANOTTI, L.J. **Etapas históricas de la política educativa.** Buenos Aires, 1972.

## **ANEXO**